

Educomunicação em coletivos de comunicação e cultura em territórios periféricos da América Latina: das bases freireanas ao bem-viver¹

Juliana Salles de SOUZA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O trabalho tem o objetivo geral de verificar de que maneiras o paradigma da educomunicação, seus processos e práticas, no contexto de ambientes não-formais em territórios periféricos na América Latina, é analisado em artigos científicos publicados entre 2014 e o primeiro semestre de 2020. São objetivos específicos da investigação: verificar se existem aproximações entre o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* e a perspectiva latino-americana de educomunicação; e analisar as relações existentes entre a educomunicação em ambientes não-formais e as perspectivas do bem-viver em territórios periféricos latino-americanos nas pesquisas realizadas entre 2014 e 2020. A pesquisa foi construída por meio de uma revisão de literatura nas bases de dados *SciELO*, *Redalyc* e *Google Scholar*.

PALAVRAS-CHAVE: bem-viver; educação popular; educomunicação; periferia; território.

Introdução

Abordar processos de educomunicação sobre, para e a partir das periferias, no âmbito de ambientes não-formais, a exemplo da prática de coletivos de comunicação e de cultura³, implica retomar conceitos e vivências inerentes às origens do conceito na América Latina: a educação e a comunicação populares. Nesse sentido, relembrar as origens dos processos educacionais leva a trajetórias teóricas que mostram intersecções entre práticas freireanas e o paradigma em construção.

Ismar de Oliveira Soares (SOARES; VIANA, 2017) observa que as iniciativas de educação para a comunicação na América Latina passaram por três etapas: a crítica da mídia; a visão da mídia como parte da cultura e a vertente dialética, cujo olhar parte da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP), linha de pesquisa Comunicação e Cultura. Mestre em Ciências pelo PROLAM-USP, linha de pesquisa Comunicação e Cultura, com a dissertação “Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín”. E-mail: julianasalles@usp.br.

³ Opta-se por falar sobre coletivos para fazer referência a ações coletivas juvenis produzidas sobre, para e a partir das periferias, nas áreas de comunicação e cultura, que estabelecem narrativas a partir das cotidianidades, dos territórios e do compartilhamento de vivências dentro das próprias periferias, em relações que buscam a horizontalidade. Resignificações territoriais, articulações com outros atores sociais de grupos diversos, a busca pela garantia de direitos humanos, em especial o direito à comunicação e à liberdade de expressão e de uma cidadania comunicativa caracterizam-se coletivos comunicacionais e culturais (cf. SOUZA, 2019, p. 118).

perspectiva de que a comunicação é um direito humano universal. É na vertente dialética que a educomunicação ressemantizada pela educação popular freireana⁴ e pelas práticas e escritos de Mário Kaplún situa-se. Soares (2011) justifica que “o maior volume da prática deu-se, na América Latina, no contexto do movimento denominado “educação popular”, “comunicação alternativa”, “comunicação popular e alternativa”, com a adoção de uma perspectiva dialética.” (SOARES, 2011, p. 34).

Entender a educomunicação no âmbito não-formal e as intersecções que o campo tem em relação a territórios periféricos pode contribuir diretamente para entender com mais detalhes a luta pela garantia do direito humano à comunicação e por melhores condições de vida nas periferias. Igualmente, tais processos buscam o reconhecimento e a visibilidade da potência dos territórios periféricos. Desse modo, o trabalho tem o objetivo geral de verificar de que maneiras o paradigma da educomunicação, seus processos e práticas, no contexto de ambientes não-formais em territórios periféricos na América Latina, é analisado em artigos científicos publicados entre 2014 e o primeiro semestre de 2020. São objetivos específicos da investigação: verificar se existem aproximações entre o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* e a perspectiva latino-americana de educomunicação; e analisar as relações existentes entre a educomunicação em ambientes não-formais e as perspectivas do bem-viver em territórios periféricos latino-americanos nas pesquisas realizadas entre 2014 e 2020.

Nesse contexto, de que maneiras as práticas e processos educacionais estão presentes em ambientes não-formais, especificamente coletivos e organizações, de territórios periféricos latino-americanos, de acordo com pesquisas realizadas entre 2014 e primeiro semestre de 2020? A pesquisa parte das seguintes hipóteses: (1) educação popular freireana e educomunicação são indissociáveis no contexto de processos educacionais nas periferias latino-americanas; (2) a educomunicação pode potencializar a atuação dos sujeitos periféricos no âmbito latino-americano; (3) a comunicação e, de forma específica, a educomunicação para o bem-viver é uma prática presente e crescente nos processos de coletivos periféricos latino-americanos; (4) e o tema “Educomunicação em territórios periféricos na América Latina” necessita ser mais explorado em investigações acadêmicas, inclusive sob o ponto de vista comparativo.

⁴ De acordo com Paulo Freire e Adriano Nogueira, educação popular é “o processo educativo que rompe com a tradição educacional ocupada apenas com uma minoria social (a elite opressora) e que confere à educação um conteúdo social (e não individualista) e uma dimensão ativamente política (e não passiva)” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, s.p.).

O artigo está organizado em duas seções: na primeira parte, relacionar-se-á a concepção de *sujeitas e sujeitos periféricos* com a educomunicação nas periferias; e a terceira trará especificidades do processo de revisão de literatura, com análise dos materiais selecionados a partir da perspectiva das pedagogias freireanas, dos escritos de Mário Kaplún, da acepção de *sujeitas e sujeitos periféricos* e da temática do bem-viver.

Formação de *sujeitas e sujeitos periféricos*: educomunicação como fator potencializador

As periferias⁵ latino-americanas caracterizam-se por serem territórios nos quais processos comunicativos e educativos de inspiração freireana e kapluniana⁶ já aconteciam desde a década de 1960. Com a ascensão das novas tecnologias da informação e da comunicação associada a processos de emancipação de *sujeitas e sujeitos periféricos*⁷ e criação de fomentos públicos às culturas periféricas em alguns países, a exemplo do Brasil, tais fenômenos ganharam ainda mais evidência. Com base na percepção de que os territórios são vinculados a identidades e ao sentimento de pertencimento (SANTOS, 2009), as periferias, que antes eram objeto de enunciação acadêmica, passaram a ser definidas por quem vivencia esses territórios (cf. D’ANDREA, 2013). O estigma foi substituído pelo orgulho, de acordo com a análise de Tiaraju D’Andrea, responsável por formular o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

O ato de vivenciar propiciou ressignificações ao conceito de periferias e contribuiu para que o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* emergisse. A acepção traz à tona o orgulho de pertencer e habitar as periferias, cuja consequência primordial é o agir político em tais territórios. Em um cenário de luta pela garantia de direitos em um cenário

⁵ Neste trabalho, adota-se uma perspectiva de periferias (nome que, preferencialmente, deve ser pronunciado no plural como forma de visibilizar as diversidades desses territórios) que mescla a visão de Raquel Rolnik (2010) sobre a precariedade de recursos e condições associada às lutas de quem vivencia tais dificuldades e busca formular ações que criem potências culturais e sociais nesses espaços.

⁶ Duas das principais referências da educomunicação, Paulo Freire e Mário Kaplún abordavam em suas obras e práticas a importância da observação e diálogo com as cotidianidades, a intervenção e busca por transformação social, ênfase nos processos, tríade ação-reflexão-ação e formação para a participação na sociedade. Nas pedagogias freireanas, a problematização, a pedagogia das perguntas, a reflexão crítica, a participação, o diálogo, a valorização – e não idealização – das culturas populares, a consciência da inconclusão ontológica do ser humano e a vocação de Ser Mais (FREIRE, 1978; FAUNDEZ; FREIRE, 1985; FREIRE, 1983). Aliás, nesse contexto, o diálogo concretiza-se como condição existencial do ser humano. Tais características também estão presentes nos processos educomunicativos.

⁷ Nesse tópico, é válido destacar que, até o início de 2020, o autor utilizava o nome *sujeitos periféricos*. A modificação foi acompanhada também pela sistematização de características sobre as pessoas que carregam consigo subjetividades periféricas e a ação-reflexão para a transformação social e foi justificada pelo pesquisador como “uma tentativa de abarcar um processo histórico que perpassou todas e todos, mas não dirime as especificidades de gênero” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

neoliberal, trata-se de uma pessoa portadora de subjetividade periférica (com existência de elementos cognoscentes constituídos pela posição periférica ocupada pelo indivíduo, de acordo com o autor) e assujeitada às opressões existentes nos territórios periféricos (cf. D'ANDREA, 2013 *apud* SOUZA, 2019a), as quais existem para além da vontade do indivíduo, contudo, apesar de tal cenário “propõe objetivos e pratica ações. Que domina algo. Que propõe conhecer algo, em contraposição ao que é conhecido ou é objeto. Que pratica ações a partir do conhecimento que detém” (D'ANDREA, 2013, p. 173). D'Andrea (2020) observa ainda que uma outra precondição para *sujeitas e sujeitos periféricos* é a existência de códigos culturais compartilhados, que geram uma linguagem a partir das experiências e modos de vida comum.

A ação política de *sujeitas e sujeitos periféricos*, tal como sujeitos históricos que vivenciam as periferias urbanas desde a década de 1990, período possui características próprias, tais como: (1) utilização de periferia como classe; (2) periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento político-territorial; (3) organização em coletivos; (4) arte e cultura política; (5) de objeto de estudo a sujeito de conhecimento; (6) sistematização da própria história; (7) fim da necessidade de mediadores; (8) do estigma ao orgulho; (9) relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero; (10) consciência ecológica e de direitos de LGBTs; (11) diferença como bandeira: o direito à diferença; e (12) era digital⁸. No contexto de organização em coletivos, a educação e a comunicação adquirem protagonismo como dois campos para a concretização do agir político desses indivíduos.

Desse modo, no cerne da atuação de *sujeitas e sujeitos periféricos*, localiza-se o duplo movimento de denunciar e anunciar, afinal “a mudança no mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (FREIRE, 2000, p. 37). Opressões históricas e assujeitamentos ligados a preconceitos, violações de direitos e precariedades são denunciados, ao passo que se anunciam outras possibilidades de vida, com reconhecimento de saberes, consciência ecológica, busca pela garantia de direitos, bem como a possibilidade de retratar a própria história e as potencialidades territoriais político-culturais. É por meio do anúncio que as periferias latino-americanas são ressignificadas no discurso de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

⁸ Para fins de delimitação do tema do artigo, a 13ª característica, que trata sobre o lulismo, não foi incluída.

Nesse processo, observa-se também a preocupação com multiplicadores críticos – educandos-educadores formados em um contexto de produção partilhada de saberes e na preocupação com a informação e formação de *sujeitas e sujeitos periféricos* os quais multiplicam debates e reflexões sobre temas voltados à emancipação e ao enfrentamento de opressões, mas sem uma mera reprodução de discurso: coloca-se, a cada multiplicação, visões críticas sobre cada assunto abordado. É nesse âmbito que emerge a perspectiva de educomunicação popular e periférica, definida pela presente autora como

um processo que envolve sujeitos periféricos⁹, interculturais e coletivos, mediatizados por cotidianidades periféricas, em atividades de reflexão crítica, que problematizam vivências, observações e investigações em tais espaços. Expressa por meio de textos, fotos, vídeos, memes e outras formas, a educomunicação popular e periférica privilegia processos em comparação com os produtos e rejeita visões adultocêntricas ao entender, de forma prática, a inconclusão ontológica do ser humano, estabelece diálogos de saberes com diferentes atores sociais. As mensagens comunicadas por meio da educomunicação popular e periférica compartilham vivências, transformam fatos periféricos em acontecimentos por meio de diferentes formas de narrativas e modalidades comunicacionais, interligam-se com as mediações de identidades, socialidades, ritualidades e cognitividades e visam à reformulação de imaginários, garantia de direitos - em especial, o direito à comunicação - e, por vezes, ao bem-viver. Redes e articulações são tecidas com o objetivo de potencializar os processos desse tipo de educomunicação. Em tais processos, os territórios periféricos tornam-se salas de aula. Trata-se, em resumo, de uma educomunicação sobre, para e a partir das periferias, a qual reconhece tais territórios como dotados de saberes e potencializa o “conhecimento popular periférico”, expressão utilizada por Ronaldo Matos (2018). A educomunicação popular e periférica concilia elementos da ressignificação de educomunicação feita na América Latina. (SOUZA, 2019a, p. 370-371)

Conceito formulado a partir de observações participantes e sistematizações de experiências com coletivos de comunicação e de cultura de São Paulo e de Medellín, são outras características da educomunicação popular e periférica: pertencimento aos territórios periféricos (o protagonismo do nós no discurso e na prática); sentipensar¹⁰ os territórios (percorrer as periferias para depois narrá-las); reconhecimento das periferias como territórios de saberes; privilégio de processos em detrimento de produtos, assim como precursionava Kaplún e Freire; construção coletiva de conhecimentos com as *sujeitas e sujeitos periféricos*; dialogicidade; rejeição às posturas adultocêntricas; formação de redes entre coletivos para potencializar processos educacionais; lutas

⁹ Em 2019, na redação da dissertação de Mestrado, a presente pesquisadora utilizou o termo “sujeitos periféricos” em referência ao que Tiaraju D’Andrea havia desenvolvido na tese publicada em 2013. Com a modificação acertada da nomenclatura para *sujeitas e sujeitos periféricos* e também com base nos pressupostos de Faundez e Freire (“(...) que a realidade exija a transformação do conceito e não o conceito exija a transformação da realidade.” (FAUNDEZ; FREIRE, 1983, p. 33)), o novo nome será adotado em publicações posteriores.

¹⁰ Sentipensar é um neologismo utilizado por Orlando Fals Borda que designa combinações entre razão e emoção em todas as ações de um sujeito. Em uma leitura freireana, conjugar o verbo sentipensar implica mobilizar reflexão e mobilização social.

pelo reconhecimento institucional, político, social e cultural dos territórios, bem como o reconhecimento da educomunicação popular e periférica como uma pedagogia crítica (por partir da problematização do cotidiano para construir conhecimentos, processos e produtos, bem como pela proposta de se pensar a partir e com os territórios, não sobre eles, a partir do que propõe Catherine Walsh (2010)) e decolonial (atividades e reflexões ligadas ao bem-viver¹¹) (cf. SOUZA, 2019a). O conhecimento também ganha características específicas no tocante à educomunicação popular e periférica¹².

Nomear também é uma forma de luta, na visão de Walsh (2010). Mediante a diversidade de trajetórias adotadas pela educomunicação, defende-se que a redundância da expressão “educomunicação popular” é necessária e possui dupla função: demarca processos advindos da educação não-formal e, especificamente, da educação popular freireana, bem como contribui para que se lembre as origens da educomunicação na *práxis* social latino-americana. Já o adjetivo “periférica” denota uma especificidade: o protagonismo do território e o orgulho em pertencer a ele, apesar dos assujeitamentos a condições que causam dificuldades. Tal situação também pode ser associada com a prática de transformação das perversidades sociais em possibilidades e potências (cf. SANTOS, 2009).

Processos educacionais ocorridos com atores sociais caracterizados como *sujeitas e sujeitos periféricos* podem ser relacionados também a perspectiva da cidadania educacional, a qual tem relações com a compreensão do papel da educomunicação “no encaminhamento de um projeto de trabalho que possa afirmar os princípios da cidadania no interior de uma sociedade profundamente atravessada pelos processos de comunicação” (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 22) e com a construção de valores e práticas que valorizam o diálogo e o bem comum em detrimento

¹¹ Recuperado de pensamentos ancestrais em um contexto de decolonialidade, o bem-viver é caracterizado pela harmonia com o próprio indivíduo, com outros seres humanos e com a natureza (o que dialoga com a consciência ecológica mencionada por D’Andrea (2020)), busca pela constante descolonização, despatriarcalização, busca pela superação do racismo, questionamento da expressão europeia ligada ao bem-estar, valorização da coletividade, da solidariedade e do território, com vistas a uma transformação econômica e social cujo foco é a vida digna (cf. ACOSTA, 2016). A perspectiva do bem-viver será retomada na próxima seção do trabalho por meio da revisão de literatura.

¹² Com base nas características do conhecimento propostas por Freire, observou-se: “**Que conhecer:** territórios periféricos e suas potencialidades, direitos humanos; **Como conhecer:** percursos pelos territórios, debates, investigações participativas, entrevistas; **Para que conhecer:** garantia de direitos, entre eles, o direito à comunicação; busca pela emancipação; **Em favor de que conhecer:** reconhecimento dos territórios periféricos por meio da denúncia de violações de direitos nas periferias e do anúncio das potencialidades dos territórios; **Em favor de quem conhecer:** formação de sujeitos periféricos; **Contra que conhecer:** opressões advindas das fases atuais do capitalismo, caracterizadas pela ação direta do capital; **Contra quem conhecer:** contra sujeitos que, direta ou indiretamente, não reconhecem os territórios periféricos como potências” (SOUZA, 2019, p. 372)

da intolerância e do individualismo, afinal a educomunicação é um “espaço do agir coletivo, voltado essencialmente para a cidadania e além da lógica do mercado” (SOARES, 2013, p. 185). Os processos da educomunicação popular e periférica também implicam um desvelamento das culturas populares e periféricas em atos coletivos e dialógicos, em um processo *com*, não *para* os educandos.

Para que o conceito de educomunicação popular e periférica possa avançar e ser aprofundado, faz-se necessário verificar o estado da arte sobre o tema e compreender quais são as tendências de abordagem ao tema educomunicação e periferias em ambientes não-formais.

Bem-viver, coletivos e periferias: olhares sobre a produção acadêmica

Identificar de que maneiras as práticas e processos educacionais estão presentes nos territórios latino-americanos, em especial em coletivos de comunicação e cultura, é uma tarefa que pode ser realizada de diferentes maneiras: revisão bibliográfica, mapeamento de coletivos e projetos e posteriores pesquisas de campo. Neste trabalho, entende-se que os três trajetos são importantes para que o conceito se consolide. Aqui, apresentar-se-á uma amostra da primeira etapa. Como primeiro passo, realizou-se a revisão de artigos científicos e *papers* publicados entre 2014 e o primeiro semestre de 2020 disponíveis nas bases de dados *SciELO*, *Redalyc* e *Google Scholar*. A investigação utilizou descritores variados¹³, tanto em português como em espanhol, relacionados às seguintes categorias: territórios periféricos, coletivos, América Latina e bem-viver. Os critérios de inclusão adotados para os materiais encontrados foram: tratar sobre processos educacionais em cenários não-formais, com preferência para coletivos; abordar territórios periféricos ou a perspectiva do bem-viver sob o ponto de vista epistemológico, em intersecção direta com a educomunicação; tratar sobre crianças e/ou adolescentes em

¹³ Os descritores utilizados foram: educomunicação periferia; educomunicação periferias; educomunicação periférico; educomunicação periférica; educomunicação coletivo; educomunicação coletivos; educomunicação América Latina; educomunicação periferia América Latina; educomunicação bem-viver; comunicação bem-viver; educomunicação periferia; educomunicação periferias; educomunicação colectivo; educomunicação colectivos; educomunicação América Latina; educomunicação periferia América Latina; educomunicação buen vivir; comunicación buen vivir; comunicação educação periferia; comunicação educação coletivo; comunicação educação periferia América Latina; comunicação educação bem-viver; comunicación educación periferia; comunicación educación colectivo; comunicación educación periferia América Latina; comunicación educación buen vivir; comunicación educación vivir bien; educomunicação popular; educomunicação popular. A análise não irá considerar os artigos advindos da pesquisa “comunicação bem-viver” por considerar que eles se localizaram fora do escopo de delimitação da investigação. Apesar disso, o uso do descritor contribuiu para revelar um trajeto de pesquisa a ser trilhado na educomunicação.

territórios periféricos; ser um artigo ou paper publicado em revista científica ou em um evento acadêmico. Já os critérios de exclusão escolhidos foram: o material é uma tese, dissertação ou trabalho de conclusão de curso; trabalhos que tratam sobre o ambiente escolar e a comunicação pública.

Tendo em vista que, ao se realizar buscas no *Google Scholar* com determinados descritores (a exemplo de “educomunicação coletivos”), surgiam centenas e até milhares de resultados, adotou-se uma estratégia diferenciada para o banco de dados: só foram considerados os materiais que continham as palavras-chave no título. Desse modo, a partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, chegou-se a sete textos disponíveis no *Google Scholar*, três no *SciELO* e um no *Redalyc*, o que totalizou onze materiais que se interseccionam com o tema abordado nesta pesquisa.

Tratar sobre educomunicação implica abordar intervenções sociais. Desse modo, se os estudos de caso contribuem para enriquecer e fazer avançar as investigações sobre uma determinada temática, no âmbito das pesquisas sobre a educomunicação e os territórios periféricos latino-americanos, é possível observar um fenômeno semelhante. A revisão bibliográfica realizada trouxe à tona experiências de Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Peru e Venezuela.

Um dos processos analisados foi o *Proyecto Escaramujo*¹⁴. Sob o ponto de vista metodológico, demonstra-se preocupação com a realização de um diagnóstico participativo que envolva observação participante, grupos de debate, empatia, entrevistas e outras práticas advindas da educação popular, em uma valorização das aprendizagens coletivas, reconstruir e recuperar histórias de vida, bem como promover potencialidades dos sujeitos envolvidos (CABRERA MARSDEN; ROMERO REYES, 2019). Já na região metropolitana de Buenos Aires, um projeto de extensão da Universidad de Quilmes surgiu no contexto da Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual na Argentina e visa à produção jornalísticas a partir dos bairros periféricos. Apesar de os educadores-educandos não serem identificados diretamente como *sujeitas e sujeitos periféricos*, os educandos-educadores estão mais próximos ao conceito. Identificados com a perspectiva de educomunicação trabalhada por Mário Kaplún, o projeto explicita o desejo de ressignificar territórios estigmatizados por meios massivos e trabalha com categorias

¹⁴ O projeto existe há cerca de uma década e atende crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social em cidades cubanas como Habana, Camagüey, Holguín e Santiago de Cuba. A iniciativa visa ao desenvolvimento psicossocial dos sujeitos envolvidos a partir de práticas educacionais fundamentadas na educação popular. Os processos incluem adolescentes que cometeram ações classificadas como delitos.

freireanas, a exemplo da conscientização, do diálogo e o fato de se ter como ponto de partida as experiências dos educandos (GONZALEZ; ELIZONDO; GARCÍA, 2017).

Na cidade-satélite de Ciudad Bolívar, nas proximidades de Bogotá (Colômbia), o coletivo *Caminos de Paz* realiza trabalhos com crianças e jovens vítimas do conflito armado com base em uma pedagogia para a paz, a convivência e a democracia, com a comunicação como eixo transversal e a empatia como um dos principais pilares dos processos educomunicativos. A preocupação com a participação e a construção da cidadania, bem como o incentivo ao exercício da crítica entre os educandos são perspectivas que dialogam diretamente com as práticas educomunicativas. Ademais, a ideia kapluniana de privilégio aos processos também é lembrada (BERNAL-CÓRTEZ; RAMOS CORREA, 2015). Apesar das identificações, o conceito de educomunicação sistematizado pelo NCE-USP não é mencionado ao longo do artigo.

Ainda sobre a Colômbia, outro artigo que aparece na revisão foi produzido pela presente pesquisadora e trouxe uma comparação entre processos ocorridos na cidade de São Paulo e em Medellín, na perspectiva da criação de um diálogo de saberes entre coletivos de comunicação e academia, bem como de resignificação de territórios periféricos (SOUZA, 2019b). O estudo contribuiu diretamente para a formulação do conceito de educomunicação popular e periférica. Além de São Paulo, foram localizadas experiências de educomunicação em ambientes não-formais periféricos no Ceará e Paraná. No caso do projeto “Jovens Comunicadores”, da Rede Cuca, observou-se que os educandos participantes se reafirmam socialmente após os processos educomunicativos e, inclusive, muitos passam a ser colaboradores da Rede Cuca. No artigo que expõe a pesquisa com esse *corpus*, reafirma-se a proximidade teórico-prática entre a comunicação comunitária popular, a educomunicação e a formação cidadã (PATANE; VALENTE JUNIOR, 2019). Já na iniciativa “Janela Periférica”, desenvolvida com crianças de um território periférico de Curitiba (PR), a educomunicação é apresentada como ferramenta social de busca identitária. O processo é conduzido, em parte, por pessoas que já residiram em periferias, o que reforça a presença de *sujeitas e sujeitos periféricos* tanto como educadores como na condição de educandos (SANTOS; MARINHO, 2014). Aliás, o fato de priorizar os processos em detrimento dos produtos é um exemplo da prática

educomunicativa, a qual, inclusive, dialoga com a perspectiva de educomunicação popular e periférica, vocábulo que apareceu na revisão bibliográfica realizada¹⁵.

Enquanto intervenção social, observa-se que nos processos educamunicativos nas periferias, existem menções ao bem-viver, as quais apareceram, inclusive, em artigos revisados anteriormente. Apesar disso, há poucos estudos que tratam especificamente da relação entre educomunicação e bem-viver. Enquanto uma pesquisa com o descritor “comunicación buen vivir” que considere apenas títulos de artigos reuniu 62 resultados na base *Google Scholar*, a busca por “educamunicación buen vivir” localizou apenas um texto. Com o uso do descritor em português, houve três resultados para “comunicação bem-viver” e nenhum artigo localizado para “educamunicación bem-viver”. Ao se mencionar “comunicación educación buen vivir”, encontrou-se também um artigo na base *SciELO*. Desse modo, de antemão, verifica-se que há uma lacuna no tocante a pesquisas científicas sobre o tema, o qual pode ter como um dos pontos de partida a revisão sobre as intersecções entre comunicação e bem-viver na América Latina, bem como os diálogos com a educomunicação.

No artigo “La Educamunicación y el Buen Vivir: una alianza posible”, Ismar de Oliveira Soares (2019) destaca dados importantes sobre a utopia do bem-viver, tais como a resistência e a alternativa ao modelo de globalização hegemônica e a perspectiva de unidade entre direitos e natureza, e aponta que o desafio é “pôr a prática da Educamunicación Latino-americana a serviço da utopia do bem-viver” (SOARES, 2019, online). O texto resgata ainda a perspectiva do direito humano à comunicação em intersecção com o bem-viver por meio da celebração de políticas públicas destinadas ao acesso de meios de comunicação por comunidades populares.

Para Soares (2019), a aproximação entre educomunicação e bem-viver reside no fato de que ambos buscam transformações sociais que visam à igualdade e justiça no continente, o que pode proporcionar uma aliança possível e desejável entre os dois marcos. Outros pontos transversais que abrem trajetórias para mais diálogos teórico-práticos é a luta por direitos humanos e a luta por direitos à terra e à sustentabilidade. No campo do ensino não-formal, o artigo destaca experiências de coletivos e organizações, como é o caso do grupo colombiano Comunicarte y la Radio Comunitaria Arauquita Stereo, que estão à frente do processo *Pásela en Paz, onda multimedial juvenil*. Soares (2019) destaca

¹⁵ Cf. ROMERO REYES, 2015; SILVA, 2020.

que o grupo trabalha de forma colaborativa com jovens venezuelanos e se converte, na prática, como um laboratório de democracia.

Outro exemplo mencionado no artigo revisado é a prática presente no Centro de Educomunicação San Viator, cuja atuação ocorre nas periferias de Lima. Com uma experiência educacional que ocorre há mais de duas décadas, a organização trabalha por meio de uma de reflexão crítica e ativa, bem como de ação, com construção de aprendizagens a partir das vivências de crianças, adolescentes e jovens. Tendo em vista que o Centro de Educomunicação considera que o bem-viver opõe-se a um individualismo egoísta e busca substituí-lo pela valorização humana e por se ter dignidade e pelo suficiente para viver, pode-se inferir que as práticas educacionais do espaço dialogam tanto com as bases freireanas e kaplunianas, bem como a formação de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Também publicado em 2019 – o que denota o fato de o debate acadêmico sobre educomunicação e bem-viver ser recente -, o artigo “Buen Vivir/ Vivir bien. Aportes a la comunicación-educación”, de Aura Isabel Mora, aponta caminhos para olhares decoloniais, bem como alerta para a necessidade de visibilizar pluriversos de saberes de populações originárias da América Latina. A chave para a transformação pode estar presente na comunicação traduzida, entre outros itens, como diálogo freireano, comum a humanos e não-humanos, com o objetivo de que todos vivam bem, o que evidencia o caráter coletivo do bem-viver. Desse modo, por meio do campo da comunicação-educação, torna-se possível estabelecer diálogos de saberes que viabilizem a concretização do bem-viver como uma alternativa à globalização neoliberal e ao modelo consumista de sociedade. Não à toa, o saber escutar, o saber dividir e o reconhecimento do outro são características do bem-viver, em especial no campo da comunicação-educação.

Diferentemente do artigo de Soares (2019), Mora não traz exemplos ligados a práticas de comunicação-educação nas periferias de Abya Ayala. No entanto, as características sistematizadas pela autora, em intersecção com os estudos de Soares, tracejam trajetórias para aprofundar investigações acadêmicas que interseccionem educomunicação nos territórios periféricos latino-americanos produzida por *sujeitas e sujeitos periféricos* no contexto de coletivos e outras organizações com tendência à horizontalidade.

Considerações Finais

Reinventar Paulo Freire significa ter como base os pressupostos do autor e buscar praticá-los em contextos desafiadores, potencializando ações e buscando romper com a cultura do silêncio. Nesse sentido, pode-se considerar que as práticas educacionais em territórios periféricos, em especial as precursoras por *sujeitas e sujeitos periféricos*, buscam a emancipação humana e dialogam com a perspectiva andina do bem-viver.

A revisão de literatura realizada para responder à pergunta-problema desta pesquisa demonstrou que as investigações acadêmicas reconhecem intersecções entre a educação e as periferias em países como Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Peru e Venezuela. Observou-se que, em alguns lugares, os processos educacionais são precursoras a partir de iniciativas acadêmicas de extensão, mas envolvem *sujeitas e sujeitos periféricos* e se baseiam em pressupostos freireanos e kaplunianos, o que levanta a hipótese de um diálogo de saberes entre Academia e coletivos nos territórios latino-americanos. Em outras situações, são as próprias *sujeitas e sujeitos periféricos* que assumem a condição de educadores-educandos e conduzem processos que levam ao sentipensar as periferias e a uma produção sobre, para e a partir desses territórios. Em todos os casos, observou-se que as práticas visam ao desvelamento e ressignificação territorial e buscam o protagonismo dos educandos.

A hipótese de que a educação popular freireana e a educação são indissociáveis no contexto de processos educacionais nas periferias latino-americanas confirma-se tanto na retomada do conceito de educação como com as diferentes produções acadêmicas, de países variados, que retomaram conceitos de Freire e de Kaplún para construir seus trajetos de pesquisa. De forma específica, quanto às *sujeitas e sujeitos periféricos*, observou-se que a educação é um trajeto potente para a atuação dessas pessoas. A educação popular e periférica concretiza, de forma direta, a aproximação entre o paradigma da educação e a prática de *sujeitas e sujeitos periféricos*, item demonstrado por meio das análises de artigos aqui revisados. Observou-se ainda que há possibilidade de explorar e aprofundar mais o tema, item que também depende de uma discussão mais internacionalizada do conceito formulado por Tiaraju D'Andrea.

Quanto à hipótese três, observou-se, por uma pesquisa quantitativa, que a comunicação para o bem-viver é uma prática crescente no território latino-americano, mas o mesmo não ocorre com a educomunicação para o bem-viver. Entretanto, os dois artigos encontrados na revisão de literatura demonstraram que a temática tem potencial para ser mais investigado, em especial por meio de metodologias de estudo de caso, mapeamento e sistematização de experiências. Trata-se de uma lacuna a ser preenchida nos próximos anos, já que a observação e o acompanhamento de processos de coletivos de comunicação e educação nas periferias por meio de instrumentos documentais permite formular a hipótese de que a prática de *sujeitas e sujeitos periféricos* dialoga de forma direta com o bem-viver. Cabe ressaltar ainda que o não distanciamento entre a proposta da educomunicação como originária de uma *práxis* latino-americana e o campo da comunicação-educação (C-E) mencionado por Aura Isabel Mora (2014) contribui para a realização de investigações comparativas entre Brasil e outros países da região nesse campo.

Por meio da revisão bibliográfica, constatou-se, portanto, que a educomunicação em ambientes não-formais, em especial coletivos e organizações, no contexto de territórios periféricos na América Latina é um tema que necessita ser mais explorado em investigações acadêmicas, inclusive sob o ponto de vista comparativo, já que houve mais resultados com palavras-chave na língua portuguesa do que no idioma espanhol. O fenômeno pode ter relação, por exemplo, com o uso mais massivo do termo comunicação-educação do que o vocábulo ressemantizado “educomunicação”.

O presente trabalho analisou uma revisão de literatura preliminar, a qual será ampliada no processo de construção da tese cujo título provisório é “Educomunicação Popular e Periférica na América Latina: diálogos de saberes entre coletivos de comunicação, Academia e territórios periféricos”. Nos artigos excluídos nessa primeira etapa, constatou-se, por exemplo, iniciativas de educomunicação nas periferias que envolviam idosos, a exemplo de uma experiência de San Antônio de Pereira (Antioquia, Colômbia). Tal situação suscitou mais um questionamento: ao se falar de América Latina, há tipos diferentes de educomunicação popular e periférica? Quais indivíduos são envolvidos em tais processos? A tese também abordará um mapeamento de coletivos com processos comunicativos que, a princípio, englobará diferentes nações da América Latina, com o intuito de observar iniciativas que ainda não foram observadas sob o ponto de vista científico e, em uma segunda etapa, pesquisas de campo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. S.l.: Autonomia Literaria; Elefante Editora 2016.

BERNAL CORTÉS, A. A.; RAMOS CORREA, W. J.. Sentimientos morales, educomunicación y nuevas ciudadanía en el Colectivo Caminos de Paz. **Infancias Imágenes**, v. 14, n. 1, 23-39., 2015. Disponível em: <<https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/infancias/article/view/8128/10426>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CABRERA MARSDEN, A.M.; ROMERO REYES, R.. Por un diagnóstico educomunicativo y participativo. **Estudios del Desarrollo Social**, La Habana , v. 7, n. 3, e18, set. 2019 . Disponível em <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2308-01322019000300018&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2020. Epub 21-Oct-2019.

CITELLI, A.; SOARES, I.O.; LOPES, M.I.V. Educomunicação: referências para uma construção metodológica, **Comunicação & Educação**, ano 24, n. 2, jul/dez 2019, p. 12-25. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

D'ANDREA, T.P.. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

D'ANDREA, T.P.. Contribuições para a Definição dos Conceitos *Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos*. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo , v. 39, n. 1, p. 19-36, abr. 2020 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FAUNDEZ, A.; FREIRE, P.. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação)

FREIRE, P.. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P.. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P.. **Pedagogia do Oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A.. **Que Fazer - Teoria e Prática em Educação Popular**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GONZALEZ, N.D.; ELIZONDO, C.; GARCIA, J.. La Imagen en disputa. Cronistas Barriales. Producir desde los barrios. **Universitas**, Cuenca , n. 27, p. 195-209, marzo 2017 . Disponível em: <http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1390-86342017000100195&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MORA, A.I. Buen Vivir/ Vivir bien. Aportes a la comunicación-educación In: PEREIRA G., J.M.. **Buen vivir, cuidado de la casa común y reconciliación**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019. Disponível em: <<https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/44332/Catedra%20buen%20vivir%20ta.co.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MORA, A.I. **Comunicación educación:** un campo de resistências. 2014. Disponível em: <<https://mseuducacion.files.wordpress.com/2014/08/comunicacion3b3n-educacion3b3n-un-campo-de-resistencias.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2020.

PATANE, A.R.; VALENTE JUNIOR, F.M.. Educomunicação na periferia: um estudo de caso sobre o projeto Jovens Comunicadores da Rede Cuca, sede Barra do Ceará. **Iniciacom**, v. 8, n. 3, 2019. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/3366>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ROLNIK, R.. **O que é periferia?** Entrevista para a edição de junho da Revista Continuum /Itaú Cultural. Disponível em: < <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ROMERO REYES, R.. Educomunicación popular: camino que se abre paso desde Cuba. **Estudios del Desarrollo Social: Cuba y América Latina**, vol. 3, n. 3, set.-dez. 2015, p. 25-35. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552357188006>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SANTOS, P.P.; MARINHO, F.H.. JANELA PERIFÉRICA: uma discussão sobre possibilidades de criação de webdocumentário a partir da educomunicação In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu: Intercom, Unicentro, 2014.

SANTOS, M.. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, M.L.. Pedagogia freireana na perspectiva da educomunicação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 3, p. 4-19, 6 jan. 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/48040>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SOARES, I.O.; VIANA, C.E.. Educomunicação, do movimento popular às políticas públicas: o percurso acadêmico de Ismar de Oliveira Soares. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, v. 14, n. 26, p. 238-247, 2017. Disponível em: <www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/927>. Acesso em: 26 dez. 2017.

SOARES, I.O.. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I.O.. Educomunicação e as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina In: LIMA, J.C.; MARQUES, J. (orgs.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil - 2012/2013**, IPEA, Memória - Brasília, 2013, v. 4, p. 169-202.

SOARES, I.O.. La Educomunicación y el Buen Vivir: una alianza posible. **Revista Encuentro**, SIGNIS, Equador, 2019b. Disponível em: <<http://signisalc.org/noticias/educacion/16-12-2019/la-educacion-y-el-buen-vivir-una-alianza-posible>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

SOUZA, J.S.. **Entre Quebradas e Comunas:** Educomunicação popular e periférica em São Paulo e Medellín. Dissertação (Mestrado). Programa Interunidades de Integração da América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2019, 454f. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-24052019-122218/es.php>>. Acesso em: 09 jul. 2020. (2019a)

SOUZA, J. Educomunicação e diálogo de saberes nas periferias de São Paulo e Medellín. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 520-541, 17 out. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158196>>. Acesso em: 22 jul. 2020. (2019b)

WALSH, C.. Estudios (Inter)Culturales en clave de-colonial. **Tabula Rasa**. Bogotá, Colombia, n.12, p. 209-227, janeiro-junho 2010.